

A LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA: FORMAÇÃO DE LEITORES E AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA¹

FARIAS, Keila Souza Góes²
RODRIGUES, Inara de Oliveira³

RESUMO

Apresenta-se uma proposta didática centrada na literatura de cordel a fim de (re)afirmar positivamente a identidade cultural dos/as estudantes e estimular o gosto pela leitura literária. Os folhetos destacam-se como uma das produções literárias mais presentes na cultura nordestina, demarcada pela singularidade linguística, com expressão poética de caráter popular, expandindo-se para outros meios/mídias, como programas televisivos, feiras literárias, jornais e revistas. O cordel permite a representação da sociedade e suas demandas, retratando o cotidiano, a língua, a realidade do povo brasileiro e suas especificidades, bem como propicia recordar e/ou retomar criticamente fatos históricos relevantes. Como *corpus* para desenvolver o trabalho, foram selecionados folhetos que tematizam, principalmente, fatos históricos, políticos e culturais do eixo Ilhéus-Itabuna (BA) e de relevo social, levando em consideração a faixa etária dos/das discentes (Ensino Fundamental II) e destacando-se, entre diversos autores, os folhetos do cordelista baiano, radicado em Itabuna, Minelvino Francisco Silva. Considerando os aspectos da pesquisa, a metodologia caracteriza-se como bibliográfica, embasada nos estudos do folclorista Luís da Câmara Cascudo (2006) sobre a literatura oral/escrita e a cultura popular; no conceito de letramento literário e sequência didática básica e expandida de Rildo Cosson (2006; 2018); na concepção de leitura literária de Teresa Colomer (2003; 2007); nos estudos de Jorge de Souza Araújo (2015) e Edilene Matos (2000) sobre Minelvino Francisco Silva e sua obra; nas pesquisas de viés histórico do cordel, com Marco Haurélio (2012; 2013; 2016); e na literatura popular de Arievaldo Viana (2010) e Jorge Amado (2012). Almejou-se, assim, incentivar, encantar os/as estudantes e, sobretudo, garantir a leitura literária na escola, e, por consequência, desenvolver a criticidade e criatividade dos/as educandos/as, pois, acredita-se que a literatura humaniza e contribui, dessa forma, para o exercício da alteridade e, conseqüentemente, para o reconhecimento e respeito à diversidade.

Palavras-chave: Leitura literária. Cordel Sul-baiano. Práticas Metodológicas.

INTRODUÇÃO

Despertar o interesse dos alunos pela leitura é um desafio para os professores. A leitura permite aprendizados significativos e, para incentivar o gosto pelo literário, o profissional de Língua Portuguesa deverá ter a literatura como ponto de partida para a compreensão das práticas sociais da leitura e da escrita. Assevera Rildo Cosson (2018, p. 120) que “o ensino de literatura

¹ Apresenta-se uma síntese da dissertação *A literatura de cordel em sala de aula: formação de leitores e afirmação identitária*, desenvolvida no Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA).

² Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz/ BA. keila.farias@fsc.edu.br.

³ Doutora em Letras, professora da Universidade Estadual de Santa Cruz/BA. inarabr23@gmail.com.

passa a ser o processo de formação de um leitor capaz de dialogar no tempo e no espaço com sua cultura, identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo.”

Diante disso, o cordel configura-se aqui como objeto de estudo para desenvolver a afirmação da identidade nordestina e brasileira, a partir do desenvolvimento de uma prática pedagógica que trabalhe o gênero em sala de aula, direcionada para os leitores/alunos da Educação Básica, no Ensino Fundamental II. Espera-se, assim, que os alunos conheçam o cordel como instrumento de propagação da diversidade cultural, articulado de forma crítica com outras manifestações artísticas, como indica a BNCC: o aluno deve “analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários [...] e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música)” (BRASIL, 2018, p.56).

A base teórica deste trabalho está alicerçada nos estudos do folclorista Luís da Câmara Cascudo (2006) sobre a literatura oral/escrita e a cultura; o conceito sobre letramento literário e as sequências didáticas básica e expandida de Rildo Cosson (2006; 2018); a concepção de leitura literária de Teresa Colomer (2003; 2007); as pesquisas de viés histórico do cordel, com Marco Haurélio (2012; 2013; 2016); a literatura popular de Arievaldo Viana (2010); e os estudos de Jorge de Souza Araújo (2015) e Edilene Matos (2000) sobre Minelvino Francisco Silva e sua obra, este o autor privilegiado para estudo. Deve-se salientar que, além desses últimos pesquisadores citados, que entrevistaram o autor para a construção da biografia, mais nenhuma referência foi encontrada sobre o cordelista itabunense, o que torna ainda mais justificável a retomada dessa memória cultural para os/as estudantes contemporâneos/as.

Além disso, deve-se considerar que os folhetos, além de se configurarem como fonte de informação, diversão e divulgação cultural, são referências potencialmente criativas para a adaptação ou releitura em outras mídias/suportes, como atestam as recentes produções de telenovela em horário nobre, como *O Cordel Encantado* (2011), e o filme, produzido em 2011, com base nas histórias existentes no cordel, *O Auto da Compadecida* (1974), do autor, escritor, dramaturgo e poeta paraibano Ariano Suassuna. Vale salientar que, quando Suassuna era questionado sobre a originalidade de suas obras, dizia que buscava inspiração na universalidade dos assuntos “multisseculares”, os chamados eruditos (clássicos) como na *Iliada*, de Homero, entre outros, pautados na cultura oral. E, ainda, importa compreender que as culturas se entrecruzem, por isso “a fronteira entre as várias culturas do povo e as das elites (e estas eram tão variadas quanto aquelas) é vaga e por isso a atenção dos estudiosos do assunto deveria concentrar-se na interação e não na divisão entre elas [...]” (PETER BURKE, 1998, p. 16-17). Cabe destacar, também, que, para Suassuna (2005), o cordel é um

representante autêntico da arte popular brasileira, exercendo a mesma função e relevância de obras canônicas.

Assim, com tais pressupostos, apresenta-se, neste texto, uma proposta de atividade didática para o trabalho com cordel na sala de aula de turmas do Ensino Fundamental II (em qualquer série, observando-se as particularidades de cada etapa dos/as estudantes) a partir de uma sequência básica para o letramento literário (COSSON, 2006), enfocando-se temas da obra do cordelista itabunense Minelvino Francisco Silva que possam interessar mais diretamente aos/às alunos/as, como, neste caso, os diferentes falares e saberes regionais. Entende-se que, desse modo, propicia-se a identificação da obra com os/as discentes, pois de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, uma das competências almejada na disciplina de Língua Portuguesa consiste em compreender “as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (BRASIL, 2015, p.65).

METODOLOGIA

Para cumprir o objetivo do trabalho, desenvolveu-se pesquisa eminentemente bibliográfica, colocando-se em diálogo diversas fontes que tratam sobre o cordel, bem como sobre a leitura literária, de modo geral, na escola. Em termos de caminhos principais para o desenvolvimento da atividade didática apresentada, foram consideradas as etapas para elaboração de uma sequência didática de acordo com Rildo Cosson, especialmente no seu livro *Letramento literário: teoria e prática* (2018). Para esse autor (2018), a sequência tem aspectos metodológicos que podem contribuir expressivamente para que o/a aluno/a, através da prática, possa construir seu conhecimento; para isso propõe quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação é o momento de preparação do aluno para trabalhar com o texto principal, em que os alunos podem se posicionar diante do assunto proposto, ou seja, trata-se de propiciar uma situação para motivá-los a seguir no encontro com a obra (COSSON, 2018, p. 52). Essa etapa deverá ser realizada com atividades curtas – não ultrapassando uma aula - de leitura, escrita ou oral. Já a introdução consiste no primeiro contato dos alunos com o autor e a obra. Porém, a biografia deve ser trabalhada de forma breve e dinâmica, pois os demais textos vão contemplar essa parte de forma mais aprofundada. Nessa fase da introdução é aconselhável só fornecer informações elementares sobre o autor e, se possível, ligadas ao texto que será trabalhado (COSSON, 2018, p.58). Faz-se necessário falar da obra e da sua relevância para justificar a escolha feita. Também deve-se mostrar a obra in loco ou através de suporte digital, apresentando a capa com xilogravuras, contracapa,

estrofes, rimas, poemas de outros cordelistas na contracapa de alguns cordéis e demais elementos que despertem o interesse. O terceiro passo, a leitura, consiste na etapa primordial da proposta de letramento literário. Na fase do diagnóstico, a leitura deve ser acompanhada, pois é momento em que o professor pode intervir tirando dúvidas, realizando pausas para auxiliar nas dificuldades que porventura apresentem, até em relação ao ritmo de leitura (idem). Rildo Cosson propõe que, não sendo o texto muito extenso, a leitura deve ser feita em sala, na biblioteca ou em outro ambiente da escola, trabalhando os intervalos de leitura, momentos que possam refletir e encadear as ideias, ou para desenvolver uma atividade específica que promova a intertextualidade com o que foi trabalhado nas etapas anteriores e com a própria obra. Segundo Cosson, a observação das atividades específicas durante esse processo já pode servir de diagnóstico das dificuldades gerais e específicas enfrentadas pelos alunos, promovendo uma intervenção eficiente durante ou após o processo de decifração do texto e atuar eficazmente no processo de formação de leitores (COSSON, 2018, p.64).

Por fim, a etapa da interpretação é o momento de construir sentido, a partir de tudo o que já foi explanado anteriormente, realizando inferências que envolvem o autor, leitor e comunidade. De acordo com Cosson (2018, p.64), a interpretação ocorre em duas etapas: o momento interior - o processo de decifração individual que acontece paulatinamente por parágrafo, página, capítulo até chegar o momento da apreensão global, quando se termina a leitura completa da obra; e o exterior - quando acontece a concretização da interpretação através da construção de sentido no ambiente, com o compartilhamento/socialização da interpretação entre todos os envolvidos no processo. As atividades de interpretação a priori podem se fazer pela externalização da interpretação de cada um, porém os alunos devem exteriorizar o que compreenderam através de registros com atividades distintas escritas ou orais, como paródia, desenho, vídeo, artes plásticas, músicas com expressão corporal ou não, textos de diferentes gêneros: poema, resenha e dentre outros.

RESULTADO E DISCUSSÕES

Visando estimular a leitura, a escrita, bem como a criatividade dos alunos para serem potenciais leitores e autores desse gênero, apresenta-se uma sequência didática como resultado/produto da pesquisa realizada a partir da metodologia explicitada. Por meio das atividades propostas, estima-se reforçar o reconhecimento identitário, histórico e cultural dos/as discentes em relação a sua realidade regional através dos folhetos de Minelvino Francisco Silva, o “trovador apóstolo”, como ficou conhecido.

Sequência didática: Diferentes falares, diferentes saberes (2 aulas – 100 minutos)

Passo 1: Motivação (35 minutos).

Material necessário: aparelho de *data show* e computador com acesso à internet.



Nenhuma tarefa de leitura deve ser iniciada sem que meninos e meninas se encontrem motivados por ela”
Isabel Solé, 1998, p.91.

Esse passo iniciará com a exposição de uma tirinha de “Chico Bento”, através do *data show*, que abordará o falar dos personagens Chico Bento e Zé Lelé, típico de pessoas do meio rural. Os alunos serão instigados a explicar o que entenderam da tirinha, fazer inferências sobre a origem e o modo de se comunicar dos personagens, realizando alguns questionamentos: (15 minutos):



Tirinha de Maurício de Sousa.

1. Caracterize o falar do amigo de Chico Bento: como ele se expressa? O que este falar representa?
2. Os linguistas, atualmente, afirmam que o princípio da linguagem é falar e ser compreendido; esse princípio foi exercido nessa tirinha? Explique:

Logo após, será exibido um vídeo da plataforma do *youtube* (com tempo de 8 minutos) do poeta e cordelista Bráulio Bessa, que trata sobre os diferentes falares: dialeto e sotaques, intitulado *Dialeto nordestino, uma resposta ao preconceito*⁴.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=npErlIiDE1x&t=339s>

Para os questionamentos sobre o vídeo (12 minutos), propomos as seguintes questões:

1. Bráulio Bessa diz que, ao expor sua tatuagem com o poema de Patativa do Assaré, numa rede social, recebeu o seguinte comentário crítico: “como é que eu tinha coragem de tatuar um poema de um poeta analfabeto que só escrevia e falava errado”? Como pode-se avaliar esse posicionamento/comentário do crítico de Bessa? E você, como pensa?
2. Segundo o vídeo, o artista diz que o próprio Patativa do Assaré disse que “é melhor escrever errado a coisa certa, do que escrever certo a coisa errada”. O que o cordelista quis dizer com isso? Você concorda com ele? Por quê?



O próprio Patativa do Assaré deu a resposta ao preconceito linguístico: “É melhor escrever errado a coisa certa, do que escrever certo a coisa errada”.

3. O cordelista diz que existe diferença entre sotaque e dialeto. Qual é?

Passo 2: Introdução (15 minutos).

Material necessário: aparelho de *datashow*, computador com acesso à internet e folhas impressas com o texto que será trabalhado.

Essa parte da sequência será trabalhada com a leitura da biografia do autor Minelvino Francisco da Silva (2011), o cordelista em foco desta atividade, apresentada em forma de versos pelo cordelista cearense Arievaldo Viana (Anexo 1).

Serão entregues aos alunos cópias do cordel, também exposto no *data show*, e a leitura será compartilhada: cada aluno fará a leitura de uma estrofe, num total de 14 estrofes (5 minutos).

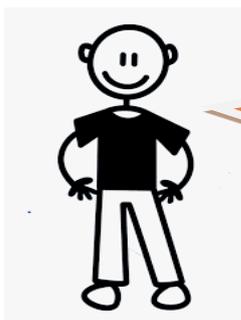


“Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles na prática da leitura”.
(PCNs, 1997, p.71)

Após a leitura compartilhada, os/as alunos/as serão estimulados/as a comentar sobre as temáticas dos cordéis de Minelvino Francisco Silva, que são tanto religiosas com reflexões morais, quanto sobre a crise da lavoura cacaujeira com a vassoura de bruxa, questões econômicas locais e nacionais, sobre política e políticos, guerras internacionais e até temas engraçados, permeados com um humor satírico. Serão também mostrados alguns dos cordéis elaborados pelo autor, como: *Paixão de Pedro Carço e Severina Xique-Xique* (Anexo 2), que faz alusão à canção de Luiz Gonzaga, *O sindicato dos bichos* (Anexo 3), *O sofrimento do pobre na taca da carestia* (Anexo 4).

Essa mostra será rápida, falando de sua vasta produção de mais 550 folhetos, a habilidade que desenvolveu em xilogravura, seu autodidatismo nesse ofício e no uso da prensa elétrica que adquiriu depois, quando ocorreu o acidente que levou à amputação de três dedos. Deve ser destacada a existência do museu, em Bom Jesus da Lapa, Bahia, em homenagem ao autor e mantido por um de seus filhos e com visitação aberta ao público.

Passo 3: Leitura (20 minutos).



“A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida”.
(KLEIMAN, 2005, p. 15)

Nesse passo, passa-se ao trabalho com um cordel de Minelvino Francisco Silva. Para isso, a turma será dividida em dois grandes grupos: um realizará a leitura do cordel proposto nesse momento, *O encontro do trovador com uma fera monstruosa* (Anexo 5), que trata do analfabetismo ; e o outro grupo fará a leitura do *ABC do Sertão* (Anexo 6), letra da música de Luiz Gonzaga, que se refere às variações linguísticas no tratamento de grafemas/fonemas do alfabeto na Língua Portuguesa.

Logo após a leitura realizada individualmente, escolhe-se um aluno de cada grupo para fazer a leitura em voz alta para o outro grupo. Será uma média de 5 minutos para a leitura silenciosa, mais 5 minutos para a leitura de cada texto (10 minutos), e mais 5 minutos para discussão sobre os dois textos lidos, estabelecendo-se um paralelo com tudo que já foi exposto anteriormente, fazendo-se, como propõe Cosson, um diálogo entre autores, leitores e comunidade.

Passo 4: Interpretação (30 minutos).

Esse momento de interpretação divide-se em duas etapas: a interpretação interiorizada, conforme o conhecimento/vivência de mundo do aluno; e a externalizada, compartilhada com o grupo, “que a princípio consiste na externalização da leitura, isto é, seu registro. Esse registro varia de acordo com o tipo de texto, a idade do aluno e a série escolar, entre outros aspectos.” (COSSON, 2018, p.66).

O professor deve abrir uma discussão sobre o que foi visto nas duas aulas, e solicitará que os alunos, em duplas, registrem o seu entendimento sobre a proposta através de diferentes meios escritos ou orais: paródia, desenho, vídeo, artes plásticas, músicas com expressão corporal ou não, textos de diferentes gêneros: poema, resenha e dentre outros

FUNDAMENTOS QUE DEVEM SER CONSIDERADOS

✓ Os falares são atos humanos, sociais, com dimensão política, histórica e ideológica, pois possuem relação direta com a história de um povo, fazendo parte da memória coletiva. A língua demonstra a origem do indivíduo, o modo de pensar, de entender o mundo, os valores que se possui. Mas, também veiculam preconceitos, bem como sofrem com os convencionalismos quando o indivíduo não utiliza as normas padrão vigente.

A forma de falar não é estática, ela é intrinsecamente heterogênea e em constante processo de transformação, porém existe uma convenção, e devido a essa ideia de língua uniforme, a literatura popular de cordel, no Brasil, passou por um longo processo de incompreensões no passado. No entanto, na Argentina e no México, segundo Luyten (2000, p.05) onde esse tipo de estudo é aceito há muito tempo no universo acadêmico, um poema como “La cucaracha” foi difundido e cantado no mundo inteiro e o poeta referência do cordel na Argentina, Martín Fierro, tornou-se símbolo da nacionalidade do país. Isso por não distinguirem os valores sociais, culturais que estão intrínsecos nas obras que fogem da língua formal do cânone, pois toda obra traz embutida o valor histórico-social de um grupo de pessoas e conseqüentemente essa diversidade de valores que torna a sociedade híbrida.

✓ De acordo com os PCNs, o estudante deve se posicionar reflexivamente e saber utilizar as diversas variantes dos falares e ter a capacidade de interagir conforme as diferentes situações socio comunicativas, pois:

[...] a questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da interação comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997, p. 32).

✓ O autor de cordel busca refletir as marcas de seu meio, de sua região, as marcas da oralidade, então pressupõe-se que o cordel produzido no Nordeste ou Sudeste terão embutidos os valores de cada região respectivamente, cultura popular nordestina e sulista, apesar de já existir inúmeros cordelistas no meio acadêmico e esse já tenha se tornado oficialmente um patrimônio cultural e imaterial brasileiro. Porém a língua como produto social que se apresenta de formas variadas reflete os fatores culturais, históricos e sociais do sujeito que a produz e do meio social em que vive. Logo “a variação existente hoje no português do Brasil, que nos permite reconhecer uma pluralidade de falares, é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história” (LEITE; CALLOU, 2002, p. 57).

✓ O matuto nordestino tem suas crenças, valores e verdades que se configuram como saberes populares na voz dos repentistas/cordelistas, e essa forma peculiar deve ser valorizada, pois, como disse o escritor português José Saramago no documentário *Língua: vidas em português*. (LOPES, 2003): “[...] não há uma língua portuguesa, há línguas em português”. Esse processo de variação é intrínseco às formações linguísticas, e Saramago

ainda continua afirmando que, apesar das mutações que vem sofrendo ao longo do tempo “as transformações não tiram a evidência do que seja a língua portuguesa”, pois ela “está como um corpo espalhado pelo mundo.” (citado por LOPES, 2003). Pois o saber, a apreciação e a confrontação de conceitos sobre as diferentes manifestações da linguagem precisam ser consideradas e preservadas como construções simbólicas de representações da distinção cultural de um povo. Como nos versos de Manuel Bandeira, em seu poema *Pronominais* (1972): “Dê-me um cigarro/Diz a gramática/Do professor e do aluno/E do mulato sabido/ Mas o bom negro e o bom branco/Da Nação Brasileira/Dizem todos os dias/Deixa disso camarada/Me dá um cigarro”. E concluo com a fala de Mia Couto (2004) quando diz “que o português é uma língua que aceita muito, que é capaz de casar com o chão” onde ela é produzida, lembrando que existe como características a permeabilidade e a capacidade de heterogeneizar, criando matizes e alterações que nunca a empobrecem, mas sempre embelezam o falar típico de cada lugar e de cada povo.

Enfim, a variante linguística informal utilizada no cordel de forma propositada tem como função caracterizar a identidade linguística do lugar, da região, e como bem destacou o poeta cordelista Patativa do Assaré (2002, p. 17), na sua obra *Aos poetas clássicos*, ele aproveita a ausência de alguns traços fonológicos para produzir o realismo da fala coloquial de um poeta camponês que nos remete ao falar do interior, como pode-se observar no trecho:

Poetas niversitário,
Poetas de Cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia;
Se a gente canta o que pensa,
Eu quero pedir licença,
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazê e o sofrimento
De um poeta camponês [...]
(ASSARÉ, 2002, p. 17).

Com esse cordel produzido na variante linguística não padrão o autor tentou demonstrar que a questão da língua deve ser desmistificada, que existem diversas formas de se fazer uso da língua portuguesa e cada variação tem uma origem e um porquê. Ele desfaz a ideia de que a pessoa que não se comunica com a rigidez da gramática padrão não sabe o português, pois, a língua é um organismo variável e também uma herança cultural, portanto não existe o certo e errado no momento de se comunicar, existem falares diferentes que caracterizam o lugar, a cultura, as pessoas e cada idioleto com sua relevância no meio em que está sendo utilizado e essas

especificidades que precisam ser valorizadas. Sabe-se que o desvio da norma praticado pelo cordelista foi intencional para demonstrar que existe um valor, um legado, uma cultura linguística específica e que deve ser considerada, pois conforme assevera Bagno (2007, p. 51): “é preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o ‘melhor’ ou o ‘pior’ português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua que constituem um tesouro precioso de nossa cultura”.

Esses são os principais aspectos a serem considerados no estudo dos referidos folhetos do cordelista destacado nesta proposta. Entretanto, cabe ao professor, como mediador e motivador das atividades propostas, adequar e (re)criar suas próprias questões sobre os textos de acordo com objetivos a serem alcançados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmado ao longo deste trabalho, acredita-se que o cordel se configura como um excelente objeto de estudo em sala de aula, pois está em constante mudança, adaptando-se conforme as necessidades de cada período. Recria-se a história advinda do passado com uma aparência contemporânea, mas, nela permanece a voz ancestral, rastros-resíduos, como afirma Glissant (2005), recriados com uma configuração diferente nesse processo de oralidade e escrita que permeia o cordel.

Essa renovação está aqui presente, pois apresenta-se uma proposta de atividade em que os/as discentes se tornam criadores/as de releituras imbricadas com o passado: por mais que sejam reescritas, existirão rastros/resíduos de uma história, de uma memória que não se pode desprender. A Literatura de cordel, com suas especificidades, fornece condições para que sejam trabalhadas questões identitárias, afirmando-se, positivamente, a cultura nordestina e brasileira.

Almeja-se, por fim, que esse processo de leitura, releitura, interpretação e compreensão seja capaz de desenvolver a performance de leitores críticos. Leitores que discutam, exercitem o pensamento, argumentem através das discussões em grupo e socializem suas conclusões, no ambiente escolar, para a construção de um aprendizado dinâmico e constante de transformação do ser.

Ademais, esta proposta de trabalho pretende incentivar e encantar os/as estudantes e, sobretudo, garantir a leitura literária na escola, e, por consequência, desenvolver a criticidade e criatividade dos/das educandos/as. Isso porque acredita-se que a literatura, entre outros aspectos, humaniza através da prática no exercício da alteridade e, portanto, do reconhecimento e respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS

- ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá**: Filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis: Vozes, 17ª edição, 2002. p. 17-20.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico – O que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 49ª edição, 2007.
- BANDEIRA, Manuel. **Obras completas**, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF; MEC; CONSED; UNDIME, 2015a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC.APRESENTAÇÃO.pdf>. Acesso em: 29 jul.2018.
- BURKE, Peter. **O Renascimento Italiano**: cultura e sociedade na Itália. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2018.
- GLISSANT, Édouard. Linguagem e tradução. In: **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora da UFJR, 2005.
- HAURÉLIO, Marco. **Antologia do Cordel Brasileiro**.1. ed. São Paulo: Global, 2012.
- HAURÉLIO, Marco **Literatura de Cordel**: do sertão à sala de aula. São Paulo: Paulus, 2013.
- HAURÉLIO, Marco. **Breve história da Literatura de cordel**. São Paulo: Claridade, 2016.
- KLEIMAN, Ângela. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** São Paulo: Cefiel- IEL-Unicamp, 2005.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura popular?** São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LOPES, Victor. Documentário: **Língua**: vidas em português (2003). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wR6toH7X5cA> .Acesso em: 20 fev.2018.
- SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- VIANA, Arievaldo. **A biografia de Minelvino Francisco em cordel**. Fortaleza, 2011. Disponível em: <https://acordacordel.blogspot.com/search?q=minelvino>. Acesso em: 08 jan. 2020.

ANEXOS

A seguir, disponibilizam-se os textos a serem trabalhados na atividade proposta.

Anexo 1



Biografia de Minelvino Francisco em cordel (Autor: Arievaldo Viana)

O poeta MINELVINO
Foi um grande trovador
Também exerceu com brilho
A arte de gravador
Para ilustrar um folheto
Recortava em branco e preto
Suas gravuras com amor.

Na fazenda Olhos D'água
De Belém, no município
Baiano de Mundo Novo
Sua vida teve princípio
Me disse um seu conterrâneo
Que ele foi contemporâneo
De Rodolfo e de Alípio.

No ano de Vinte e Seis
Foi grande o contentamento
Em dezembro, a vinte e nove
Deu-se o seu nascimento
Vejam como o poeta
Numa sextilha completa

Descreve aquele momento:
"Eu e Jesus em Belém
Nascemos quase num dia,
Ele em Belém da Judéia
Eu em Belém da Bahia.
Ele pregava o Evangelho
E eu pregava a Poesia"

Com idade de doze anos
Frequentava uma escola
Em apenas trinta dias
Dando um trato na cachola
Já rabiscava um papel
E soletrava um cordel
Provando ter boa bola.

Logo o primeiro que leu
Causou bastante emoção
Era um verdadeiro clássico
Dos poemas do sertão
O Pavão Misterioso
Um folheto volumoso
De grande repercussão.

Os folhetos e romances
Lhe serviram de cartilha
Depois virou garimpeiro
Seguindo por outra trilha
Trabalhava noite e dia
Mas viu que a poesia
Sendo um romeiro confesso
Nosso humilde gravador

Dizia em seus livretos
"Sou apóstolo e trovador
Agora em noventa e nove
Deste século recém-findo
Faleceu o grande artista
E agora está dormindo
No reino dos trovadores

Tem a "pedra" que mais
[brilha.
É a pedra da palavra
Do saber e da cultura
Do conhecimento que
Valoriza a criatura,
O Minelvino Francisco
Resolve correr o risco

E abraça a Literatura...
Deixou de buscar o ouro
O diamante e o cristal
Passou a fazer folhetos

De maneira artesanal
Com capa em xilogravura

Mostrando a sua cultura
Tão simples e original.
Manoel D'Almeida Filho
Grande vate brasileiro
Descobriu a arte simples
Desse humilde garimpeiro

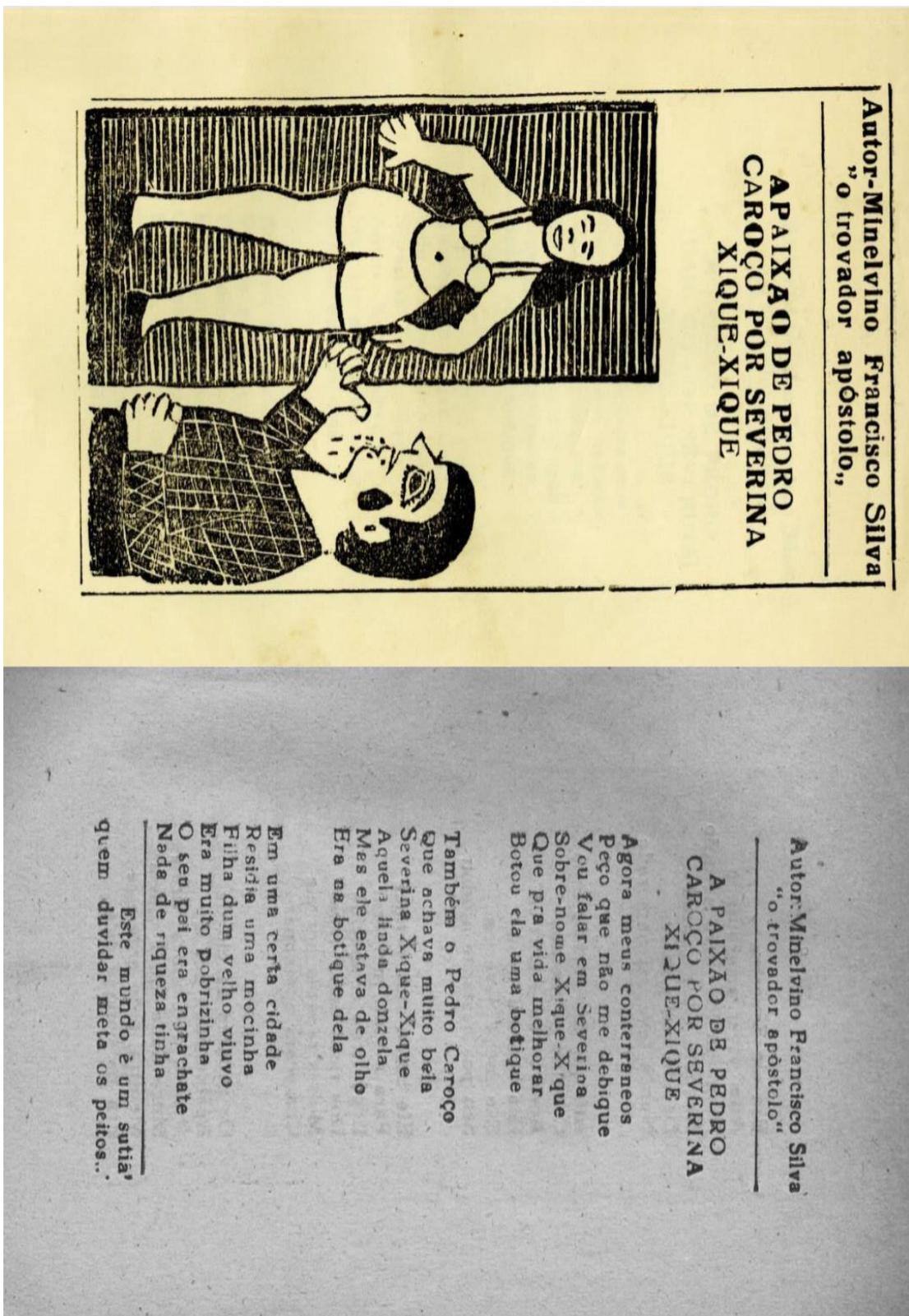
Vendo a beleza dos temas
Levou então seus poemas
Pra publicar na LUZEIRO.
Luzeiro é uma editora
Que floresceu no Sudeste
Publicando muitas obras

Dos poetas do Nordeste
Com capa bem colorida
Pretendia dar mais vida
Aos folhetos do agreste.
Mais de quinhentos folhetos
Legou à posteridade

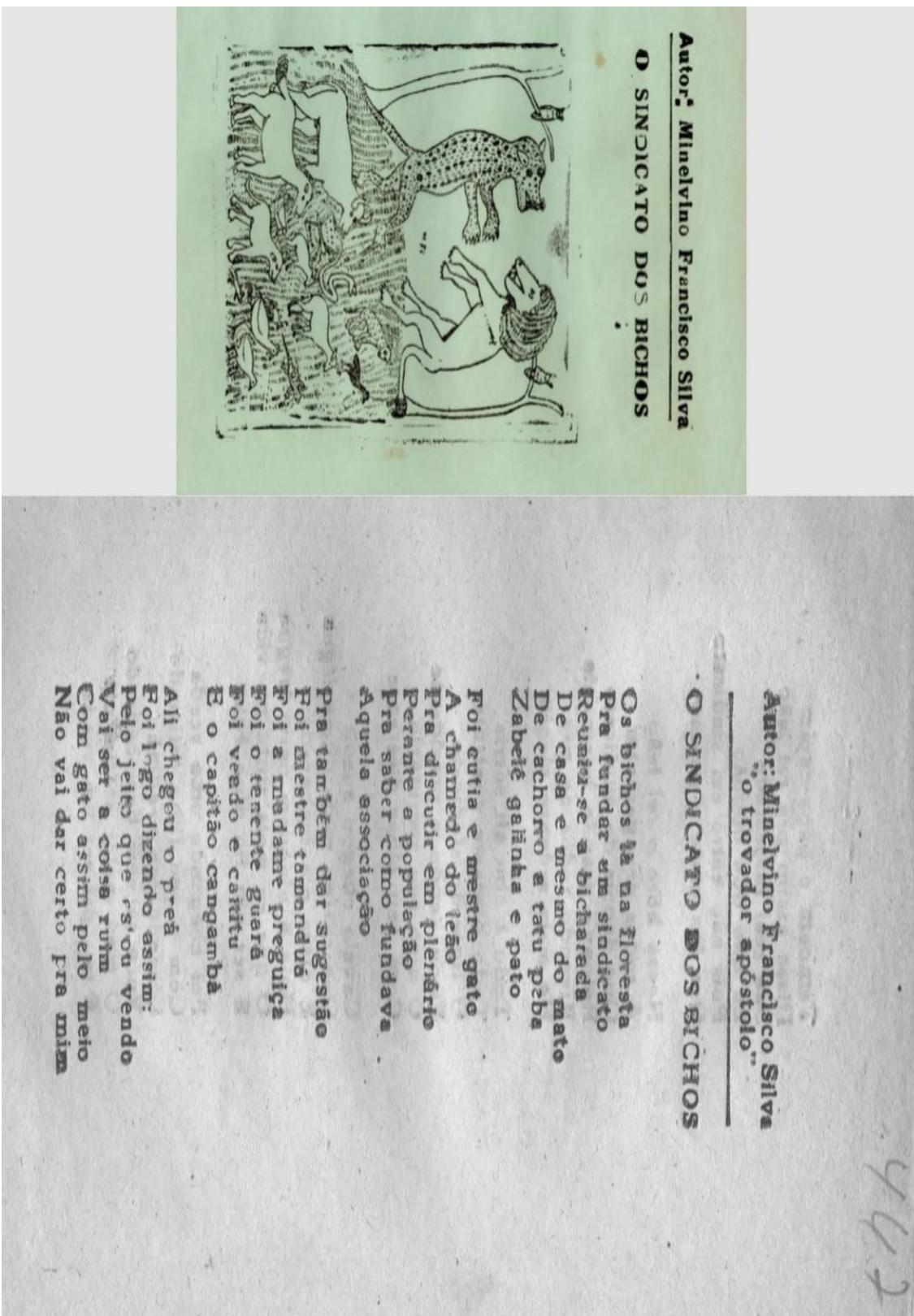
Gravuras para ilustrá-los
Produziu em quantidade
Fez também por encomenda
Para aumentar sua renda
Até que chegou ao fim
O seu intenso labor.

Do meu Senhor do Bomfim"
Até que chegou ao fim
O seu intenso labor.
Venceu com dificuldade.
E recebendo louvores
Por seu trabalho tão lindo.
FIM

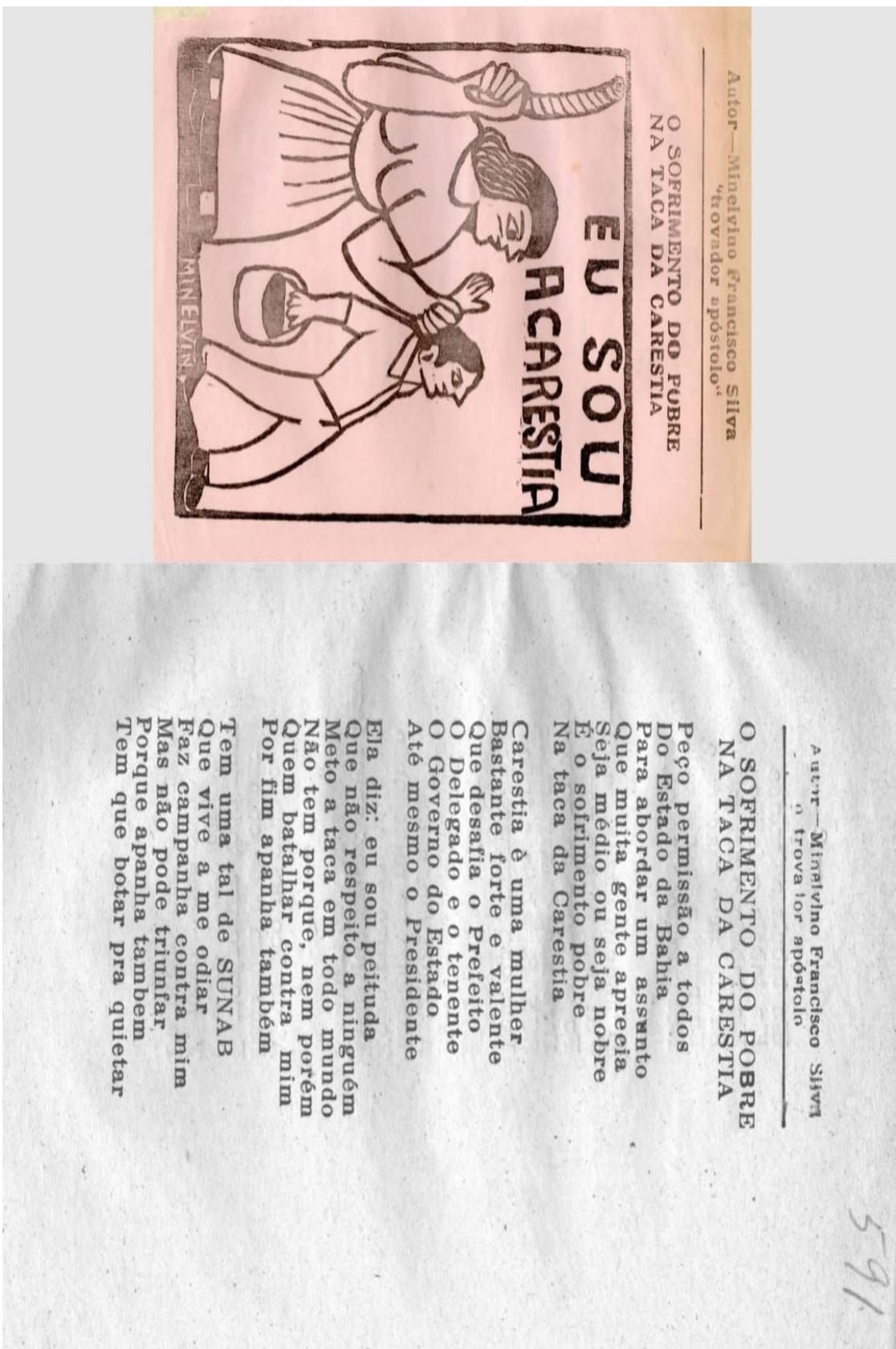
Anexo 2 (Parte inicial de um folheto de Minelvino Francisco Silva)



Anexo 3 (Parte inicial de um folheto de Minelvino Francisco Silva)



Anexo 4 – Parte inicial de um folheto de Minelvino Francisco da Silva



Autor—Minelvino Francisco Silva
o trovador apóstolo

O SOFRIMENTO DO POBRE
NA TACA DA CARESTIA

Pego permissão a todos
Do Estado da Bahia
Para abordar um assunto
Que muita gente aprecia
Seja médio ou seja nobre
É o sofrimento pobre
Na taca da Carestia

Carestia é uma mulher
Bastante forte e valente
Que desafia o Prefeito
O Delegado e o tenente
O Governo do Estado
Até mesmo o Presidente

Ela diz: eu sou peituda
Que não respeito a ninguém
Meto a taca em todo mundo
Não tem porque, nem porém
Quem batalhar contra mim
Por fim apanha também

Tem uma tal de SUNAB
Que vive a me odiar
Faz campanha contra mim
Mas não pode triunfar
Porque apanha também
Tem que botar pra quietar

591

Anexo 5 – Parte inicial de um cordel de Minelvino Francisco da Silva

O ENCONTRO DO TROVADOR COM UMA FERA MONSTRUOSA MINELVINO FRANCISCO DA SILVA

O meu pensamento é livre
É brilhante e é fecundo
Remeceu todo universo
No correr de um segundo
Para escrever sobre a fera
Mais temerosa do mundo

Cuja fera monstruosa
Não teme nem a fusil
Quando ela entra em luta
Devora pra mais de mil
É a fera mais valente
Que tem em nosso Brasil

Viajava um trovador
Os seus livrinhos vendendo
Quando chegou na estrada
Viu a terra estremecendo
Essa fera monstruosa
Foi a êle aparecendo

Disse ela ao trovador
Você que vive a vendê
Êsses tá de foêtim
Qui eu não seio praque
Si prepare e segure
Qui agora vou lhe comê

Eu sou o Analfabetismo
Qui não topo professô
Quem anda vendendo livro
Eu tenho o maior horrô
Meu disvejo è devorá
Todo e quarqué trovadô

Os antigos trovadô
Com eles tudo lutei
O trovador disse a ela
Vitòria você nem pense
Porque eu sou trovador
Là do Sul itabunence

ANEXO 6 - Letra da música de Luiz Gonzaga

ABC DO SERTÃO - LUIZ GONZAGA

Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender um outro ABC
O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê

O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê

Até o ypsilon lá é pissilone
O eme é mê, i o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê
A, bê, cê, dê
Fê, guê, lê, mê
Nê, pê, quê, rê
Tê, vê e zê

Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender outro ABC
O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê
O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê

Até o ypsilon lá é pissilone
O eme é mê, i o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê

A, bê, cê, dê
Fê, guê, lê, mê
Nê, pê, quê, rê
Tê, vê e zê
A, bê, cê, dê
Fê, guê, lê, mê
Nê, pê, quê, rê
Tê, vê e zê

Atenção que eu vou ensinar o ABC
A, bê, cê, dê, e
Fê, guê, agâ, i, ji

ka, lê, mê, nê, o
pê, quê, rê, ci
Tê, u, vê, xis, pissilone e zê.

